

Editorial

Editorial

No ensaio “A literatura do desassossego”, Julio Pimentel Pinto investiga as implicações pessoais na prosa do século XX que, segundo afirma, não a inventou, mas a consumou e a “levou às últimas consequências”. Dessa preocupação ocupam-se os artigos que integram este número da Revista Cerrados, cujo dossiê – Trânsitos e desassossego, propôs a problematização das relações entre literatura e deslocamentos, privilegiando a análise crítico-teórica de produções literárias publicadas a partir dos anos 90. Os textos foram agrupados em quatro partes: Espaço, Tempo e Memória; Trânsitos Interculturais e Aprendizagem; Deslocamentos e Identidade(s) e Desterritorialização e Hibridismo. Em cada uma delas, perpassam reflexões sobre a narrativa contemporânea num exercício que requer antes de tudo a indagação sobre o que é ainda possível narrar e sobre a eficácia desses relatos numa época de catástrofes, partição e desamparo.

Para além da retórica e das soluções brandas, os ensaístas respondem com problemas e nisso realizam efetivas trocas culturais. Restou ao exilado (termo que agrega aqui todo o personagem problematizado pelos textos), ou ao seu narrador, contar a experiência possível, o contato possível. Restou-lhe perseguir o rastro do que seria o encontro com o outro, o vestígio do percurso, o sussurro entre línguas. Sua identidade fraturada já não alcança qualquer imagem inteira. O recurso memorialístico e metonímico mostra-se, senão eficaz, ao menos passível de enunciação.

A revista recebeu, com satisfação, vários artigos sobre as obras de João Gilberto Noll e Bernardo Carvalho, mas, dadas as restrições editoriais, foram selecionados apenas três textos sobre a obra desses autores, que surgem como os mais estudados sob o ponto de vista da inquietação de seus personagens, o primeiro; e sob o ponto de vista inovador da forma nas pistas falsas de seus narradores, o segundo.

As situações culturais latinoamericanas – sobretudo argentina e chilena – aparecem contempladas sob o viés literário e crítico, com ênfase nas dissonâncias entre literatura e nação. Também fala-se aqui dos deslocamentos interculturais, como o de escritores de países estrangeiros na França que elegeram

a língua francesa para a sua expressão sem serem franceses nem francófonos, marcando, portanto, posições distintas no campo literário francês. A força da contra-narrativa utópica como possibilidade renovadora do gênero afro-americano, as vozes femininas silenciadas do colonialismo, as tantas brechas que os discursos totalizadores nacionais não alcançam, a identidade nacional traduzida em “travessia”, como nos indica Ricardo Barberena, em seu ensaio, que também propõe uma revisão teórica e metodológica para a crítica contemporânea brasileira são matéria deste dossiê.

Nesse sentido, o resultado anima e podemos dizer que, para esse trânsito, sopram bons ventos.

André Luis Gomes

Maria Isabel Edom Pires

Nota dos organizadores

O tema para esse dossiê da Revista Cerrados surgiu da nossa experiência em sala de aula como docentes e discente no Programa de Pós-Graduação em Literatura. Desde 2006, veio tomando forma uma disciplina cujo interesse centrava-se nos processos migratórios tradicionais apreendidos pela narrativa contemporânea e a concorrente, não necessariamente contínua, presença de um olhar estético que se preocupa com a representação do movimento de personagens que, cada vez mais, afastam-se de lugares geograficamente localizáveis. Ora encontrávamos a imigração tradicional pela força renovadora da prosa de Milton Hatoum; ora nos deparávamos com o ritmo alucinado dos deslocamentos dos personagens de João Gilberto Noll. Ora, a prosa quase ritualística de Ana Miranda sobre a imigração árabe, ora a desconcertante narrativa de Bernardo Carvalho. Conceitos como hibridismo, multiculturalismo, marginalidade, desenraizamento e desterritorialização, naquilo que guardam em comum e no seu mais adequado emprego pelas Ciências Sociais em sua relação com o texto literário, foram então mobilizados para dar conta das inquietações que resultaram do debate que se estendeu, alcançando escritores estrangeiros como Tabucchi, Sebald, Pamuk. Cabe aqui um agradecimento aos alunos que cursaram as disciplinas ministradas e que contribuíram para dar forma ao debate, mostrando que o trabalho na universidade é, de fato, coletivo, envolvente (com todas as conotações que o termo sugere) e multidisciplinar.

Claudia Stella Quiroga Cortez

José Reynaldo de Salles Carvalho

Maria Isabel Edom Pires